REVISTA DO AMAPÁ

JOAQUIM CAETANO DA SILVA

Número 11 | Ano 6

JUNHO 1951

PUBLICAÇÃO
DA IMPRENSA OFICIAL
DO TERRITÓRIO
FEDERAL DO AMAPÁ

dnz

FERRAGENS - ESTIVAS

Endereço Telegráfico : — VASQUES

ARMAZENS MACAPA'

Ferragens — Material elétrico — Rádios — Toca-discos. etc.

Completo sortimento de material e ferramentas para construções

Artigos importados diretamente das praças do Sul.

Avenida Getúlio Vargas

VASQUES & CIA. LTDA.

CASA CABOCLO

Estivas a Grosso e a Retalho

Gêneros de 1.a qualidade aos menores preços da praça

Trav. Cândido Mendes, — MACAPA'

HOMENAGEM

TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ, criado ha menos de oito annos, para transformar-se em mais uma unidade política brasileira, ostenta, orgulhoso, nas páginas palpitantes de sua história, os nomes mais ilustres de compatrícios que, com o sadio patriotismo a arder-lhes nas veias, souberam não só argamassar suas bases sólidas, como, também, acarinhar em alta conta o dever precípuo de defende-lo, em todos os terrenos, repelindo as audaciosas pretensões de conquista de povos estrangeiros.

Entre os mais eminentes, projéta-se no seu pretérito o nome de Joaquim Caetano da Silva, cuja pena, servida por uma cultura invejável, elaborou esse monumento que é "L'Oyapoc et l'Amazone", formando os magistrais títulos brasileiros a esmagarem os contendores alienígenas que discutiam a famosa questão da fronteira entre a Guiana Franceza e o Pará, lá pelos idos de 1897.

Tão expressivo é o livro de autoria de Joaquim Caetano da Silva, abrangendo dois tomos, que o exponencial Barão do Rio Branco, lendo e relendo suas páginas, declarara ser-lhe mais fácil, com êsses estudos, o trabalho de advogar as razões e os direitos pátrios dentro do compromisso de arbitragem. E, em verdade, ao entregar a sua primeira memória, o Barão do Rio Branco anexara ao seu notável trabalho expositivo o também grande trabalho de Joaquim Caetano.

Reconhecendo as irrecusáveis razões que amparavam o Contestado amapaense, clara e soberbamente evidenciadas pelos inesquecíveis Joaquim Caetano e José da Silva Paranhos — o Barão do Rio Branco — no primeiro dia do último mês do ano de 1900, o presidente suiço Walter Hauser, publicou a sentença que dava o Brasil como vencedor, pois os seus argumentos é que eram os certos. A fronteira do Amapá era, como até hoje, no Oiapóque.

Eis, num quasi milagre de síntese, o perfil de Joaquim Caetano da Silva, nome ligado ao Amapá pelo verdadeiro episódio de sua maior significação histórica.

Justa e indeclinável, pois, é a homenagem que REVISTA DO AMAPÁ presta à memória de Joaquim Caetano, no Centenário da leitura da "Memória sôbre os limites do Brasil com a Guiana Franceza", perante o Instituto Histórico e na presença do Imperador D. Pedro II, dedicando-lhe esta edição e colocando em seu pórtico o nome desse notável e inesquecível brasileiro.

A Data de 1.º de Dezembro de 1900

PÁGINA INÉDITA DE
PAULO ELEUTERIO FILHO

AS TERRAS da Amazônia, lendária e fabulosa, despertaram, naqueles dias nebulosos da descoberta e da conquista, o interêsse e a avidez de aventureiros de diversas nações européas, empenhados, primitivamente, com o enriquecimento fácil e o engrandecimento glorioso de suas nações de origem.

A imensidão sem fim da portentosa gleba, os mistérios dos seus rios monstruosos e de sua natureza exuberante, criavam delírios de imaginação nas cabeças propensas a miragens dos audaciosos navegadores, misto de cavaleiros andantes e flibusteiros, que voltavam a prôa de suas naus para o Ocidente.

Portuguêses e hespanhóis, inglêses, holandêzes, francêses, percorreram a Amazônia em viagens de deslumbramento, uns no cumprimento de missões de fixação de domínio e outros na atá de dilatar o império de seus reis.

E o inevitável teve lugar: lutas cruentas e intermináveis se travaram nas aguas do Amazonas e nas terras banhadas pelo formidável caudal. Senhor do domínio, por direito de descoberta e de conquista, de devassamento e colonização, ficou o português seiscentista, representado por êsses gigantescos capitães de Sua Magestade, bravos e heróicos, que escreveram a história do Norte com a lâmina de suas espadas.

Não foi, portanto, a Amazônia, um legado de boa, farta e pacífica herança. Custou-nos o prêço de sangue, moéda de câmbio altíssimo e que se não pode pagar senão com sangue.

Um a um, afastaram-se os competidores da arena. Primeiro, os hespanhóis,—que se alcandoravam nos Andes e de lá haviam descido, na figura de Francisco de Orelana, para o roteiro maravilhoso que Frei Gaspar de Carvajal nos descreveu em sua embevecida "Relacion". Depois,—desalojados sem tréguas, em terras e no mar,—os inglêses, os holandêses e os francêses,— tangidos para as Antilhas, recalcados para as ínvias regiões das Guiânas onde dominava o gentio Caribe.

Deu-se, então, a ocupação lusitana, protegida pelos pontos fortes semeados, em pedra e artilharia, pela colossal bacia, num sistema de limitação de fronteiras e defesa de posse: São Joaquim do Rio Negro, São Gabriel, Tabatinga, Principe da Beira, São José do Rio Negro, Óbidos, Gurupá, São José de Macapá, Castelo do Santo Cristo, Vigia, Araguari, Oiapóque, Jarí e tantos outros estabelecimentos onde a espada e a cruz se reuniam para dar segurança aos povoados nascentes.

Entretanto, o francês da Guiâna, aquartelado em Caiena, não perdia de vista a região que fôra ocupada, embora transitoriamente, pelo Marquez de Ferroles e suas tropas que marcharam sob a auriflama.

Iniciaram-se as escaramuças em tôrno desta região, outrora talada pelo Governador de Caiena, provocadas pela França, que se não conformava em perder um território rico e que lhe daria acesso á foz do Amazonas, posto estratégico de primeira ordem.

Essa desavença estimulava as incursões de fronteiras, as sortidas entre vizinhos, a princípio sem gráve repercussão. Decorreu assim o século XVIII.

Logo nos primeiros anos de 1800, que tão grande importância teve para o Brasil, uma expedição luso-brasileira ocupou a Guiâna Francêsa, depois de violentos combates. Essa ocupação durou de 1809 a 1817, quando restituímos a Guiâna à França, em consequência da quéda de Napoleão, cujo procedimento contra Portugal dera motivo a essa campanha.

A 11 de abril de 1713 havia sido assinado o célebre tratado de Utrecht, definindo os limites do Território litigioso do Cabo do Norte, firmando o rio Oiapóque como divisa natural entre as colônias portuguêsa e francêsa.

A 8 de dezembro de 1794, os luso-brasileiros ocuparam, sem discussão, a margem direita ou meridional do rio Oiapóque, fundando ali um estabelecimento que denominaram N. S. da Conceição.

Não havia, portanto, motivo para ficarmos com o que não era nosso efetivamente. Assim, todavia, não pensavam os nossos apostíceos, desejosos de fazerem crêr que o rio Oiapóque ou Vicente Pinson era o rio Araguari ou o rio Amazonas e não a corrente fluvial que atualmente mantém êsse nome indígena.

Nas últimas décadas do século passado, a situação do Amapá era de confusão absoluta. Os francêses insidiosamente, haviam se infiltrado nas regiões auríferas do Oiapóque e do Camipoé, criando um ambiente de insegurança e capaz de permitir uma intervenção armada a título de proteção de interêsses.

O govêrno brasileiro passava por aquela fase romântica e sonhadora do início da república, repleta de uma filosofia passiva e confiante. Mas o povo que sofria essa intervenção indébita não cruzou os braços: a 27 de dezembro de 1894, após um grande comício popular realizado na Vila do Espirito Santo do Amapá, foi escolhido um govêrno autônomo alheio às autoridades francêsas, composto de Desidério Antônio Coêlho; Francisco Xavier da Veiga Cabral e cônego Domingos Maltez.

A questão ia tomar uma feição mais séria e caminhava para o desfêcho.

A iniciativa popular indignou o govêrno de Caiena Mr. Charvein, governador da colônia, incumbiu a corvêta "Bengali" de transportar tropas francêsas para a Vila do Amapá e desembarcou uma fôrça sob o comando do Capitão Lunier. Mas apesar da surprêsa, os brasileiros, dirigidos por Veiga Cabral, membro do triunvirato, reagiram e travaram luta com o invasor, sendo sacrificado o chefe francês.

A tentativa estrangeira comoveu o povo brasileiro. O país inteiro se voltou para a região disputada agora a ferro e sangue. As chancelarias se movimentaram em tôrno do fato e chamaram a si, diretamente, a solução do litígio, que ameaçava degenerar em conflito militar.

E a 10 de abril de 1897, o Brasil e a França assinaram um tratado de arbitramento, destinado a fixar, não subsistindo nenhuma dúvida futura, as fronteiras entre a colônia francêsa e o Brasil. Indicado por ambas as nações, foi escolhido arbitro o presidente da Confederação Helvética, Dr. Walter Hauser, a quem ficou afeto o estudo e julgamento do problêma internacional.

É nessa ocasião que avulta a figura do Barão do Rio Branco, ministro brasileiro encarregado de defender os nossos direitos em Berne. Dono de uma atividade extraordinária e capacidade invulgar, Rio Branco lutou sem tréguas, apresentando uma documentação abundante e minuciosa, onde se destacava o trabalho do historia-

(Continúa na pág. 6)

DIRETOR
Aderbal Melo

REVISTA DO AMAPÁ

MACAPÁ
Junho — 1951
ANO 6 — Nr. 11

A VENTURA DE UM POVO

SUMÁRIO:

Homenagem
A Data de 1º de Dezembro
A Ventura de Um Povo
Rádio Internacional do Brasil
Resumo Histórico
Uma Idéia em Marcha
O Cunho da Gratidão Nacional
A Dôr do Orfão
Coração de Tabatinga
A Noite das Fogueiras
Jovialidade Saudável
Socials-Bazar
Mazagão Velho
Segrêdo
V Exposição de Animais e Produtos Econômicos
Página Sentimental
Esportes
Homenagem Póstuma
A Criança Amapaense
Porto do Macapá
Instrução Pública
A Natação no Território

COLABORADORES DESTE NÚMERO:

PAULO ELEUTÉRIO FILHO
GENERAL SOUZA DOCCA
GEORGENOR FRANCO
WLADIMIR EMANUEL
ADERBAL MELO
JARBAS CAVALCANTE
ALVARO DA CUNHA

O trabalho é o grande atributo que nobilita o homem. E o Território do Amapá, gravitando em tôdos os sadios setores onde se move o homem, não poderia deixar de faze-lo no sonoro setor mental das letras pátrias.

A REVISTA DO AMAPÁ, penetrando no sexto ano de sua existência, para tal vencendo, com a prata de casa, todas as dificuldades materiais, vale como o mais robusto atestado de que, resilmente, o trabalho, levado a efeito sob ordem e entusiasmo, remove qualquer óbice, mesmo àqueles que aos olhos dos pessimistas e derrotistas de todos os tempos, pareciam intransponiveis. Temo-la, hoje, nesta data consagrada às tradicionais fogueiras que o povo acende em louvor a São João, entre as mãos e sob os olhos dos leitores que, a cada dia virado no calendário, mais acreditam no Amapá e no seu cada vez mais perto futuro de glórias e riquezas.

Se é certo que não podemos viver sem respirar, tambem não seria possivel a vida se não a fizéssemos flutuar nas aguas marulhantes e harmoniosas da intelectualidade, refletindo, com nitidez, os valores mentais da terra-verde e, por isto mesmo, alvo das nossas esperanças, porque a barreira da desventura já foi solapada a golpes de dinâmismo e inteligencia, dando vida constante ao traço de luz pelo qual caminhamos.

Nossas páginas, modestas embora, clarinam a dádiva que tornou feliz e fecundo este Território: o trabalho pelo mesmo exercitado nas artes, na ciencia, na natureza, nas letras. E, se tôda essa múltipla atividade desenvolvida durante sete anos consecutivos, nos houvesse fatigado, hoje estariamos reverenciando a própria fadiga.

É pela palavra, escrita ou falada, que a alma extravasa a sua tristeza ou a sua alegria, a sua felicidade ou a sua desventura, sublinhando sempre os seus grandes momentos, como o faz agora, nesta larga faixa equatorial, vivendo o palpitante momento amapaense tão carinhosamente tutelado pelas mãos limpas que arrancaram o Amapá do prolongado bocejo em que jazia.

Das trévas de um passado amôrfo saimos para a festa vivicantemente ensolarada do presente, já fincando os alicérces do futuro.

E por que não dizer que estas mãos norteadoras do leme amapaense são as do governador Janary Nunes, tambem idealisador e construtor da REVISTA DO AMAPÁ?

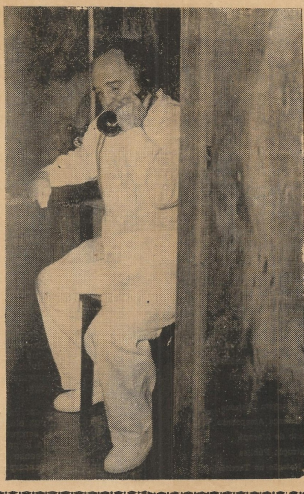
Foi vendo a necessidade de penetrar até na intrincada alma da floresta assombradora, que o seu govêrno tomou a feição de um sacerdócio, aparoando-se pela própria alvorada a iluminar os quadrantes desta região planiciária.

Seguir, pois, êsses ensinamentos, é a colaboração mais eficiente que podemos e devemos dar à obra de brasilidade aqui em plena faina, ajudando-a na consolidação da ventura do laborioso e leal povo amapaense.

A RÁDIO INTERNACIONAL DO BRASIL, EM MACAPÁ

Foram inaugurados, com solenidade, dia 1º do fluente, nesta capital, os serviços de comunicações telefônicas da Rádio Internacional do Brasil, fato noticiado por tôda a imprensa do norte e do sul e que coloca o Amapá em contacto direto com o resto do Brasil, graças às notáveis providências daquela acreditada empreza, encontrando todo o apôio por parte do govêrno do Território. As suas instalações nada deixam a desejar às melhores que possui n'outras localidades, satisfazendo, plenamente, o seu útil mistér, tão indispensável à palpitante vida moderna.

O flagrante ao lado é do capitão Janary Nunes, governador Território, quando, da cabine da Radional, em Macapá, mantinha conversação com o sr. Negrão de Lima, ministro da Justiça, inaugurando o serviço radiotelefônico, ora em pleno e perfeito funcionamento.



A data de 1º de Dezembro de 1900

(Continuação da página 4)

Geografia de Paris, em consecutivas conferências, a limpidez cristalina dos inatacáveis documentos que autorizavam o direito do Brasil à posse do Amapá.

Finalmente, a 1º de dezembro de 1900, o presidente Walter Hauser, em luminosa sentença, decidiu o litigio em favor do Brasil, encerrando as pretenções francezas ao território amapaense, que, hoje mais do que nunca, está integrado à expressão geográfica e espiritual na Nação Brasileira.

JOAQUIM CAETANO DA SILVA

DEVE-SE a Joaquim Caetano da Silva a elucidação documentária da questão do Amapá, ainda em 1858, quando corajosamente, diante da douta assembléia da Societé de Geographie de Paris, expoz os direitos do Brasil á região do chamado Contestado Franco-Brasileiro, em sucessivas conferencias que serviram, mais tarde, de base ao esforço do Barão do Rio Branco.

Joaquim Caetano da Silva nasceu em Jaguarão, na então provincia do Rio Grande do Sul, a 2 de setembro de 1810 (1). Formou-se em medicina pela Universidade de Montpellier, depois de haver conquistado o titulo de bacharel em letras em Paris. Era membro correspondente do Instituto de França, da Real Sociedade de Medicina de Gand, da Sociedade de Geografia de Paris e do Instituto Histórico Brasileiro. Pelo Govêrno Imperial foi agraciado com a Ordem da Rosa e Ordem de Cristo.

Tendo chegado da Europa em 1928, foi nomeado lente de gramática portuguêsa, retórica e grego, do Colegio Pedro II, e no ano seguinte reitor dêsse estabelecimento, em substituição ao Bispo de Anemúria.

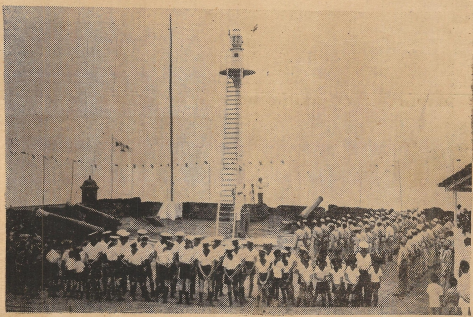
Em 1851, ingressou na carreira diplomática, servindo como encarregado dos negocios do Brasil na Holanda, onde, em 1854, passou a Consul Geral. Foi ainda, diretor de Instrução na côrte e diretor do Arquivo Nacional, cargo que foi forçado a abandonar devido á enfermidade de olhos que o privara da vista.

Em fevereiro de 1858, Joaquim Caetano da Silva iniciou a série de conferências históricas e geográficas conhecidas pelo título de "L'Oiapock et l'Amazone", perante a Sociedade de Geografia de Paris, expondo e defendendo os direitos do Brasil ao Território do Amapá, contestados pela França. Seu trabalho, notável sob todos os aspéctos, imortalizou o eminente homem público e diplomata, pois, foi alicerce, de que se serviu, em 1897, o Barão do Rio Branco para conseguir a vitória de 1º de dezembro de 1900.

Além dessa importante obra, Caetano da Silva publicou: "Suplemento ao dicionário de Morais" "Memórias sôbre os limites do Brasil", Questões americanas", "Gramática Portuguêsa" e "Mecanismo da lingua grega", algumas em francês, lingua em que era versadissimo.

Caetano da Silva faleceu em Niterói a 28 de fevereiro de 1873.

(1) Alguns autores consignam o nascimento de Joaquim Caetano a 2 de setembro e outros a 3 de outubro de 1818. Sujeitamos aos estudiosos um esclarecimento definitivo.



Os escoteiros da Terra e Mar, a Guarda Territorial e alunos do Ginásio Amapaense, tomam parte em uma festa cívica realizada na praça de guerra do Brasil-Colônia.

UMA IDEIA EM MARCHA

JOAQUIM CAETANO DA SILVA foi um brasileiro de projeção internacional e muito contribuiu para a incorporação do Amapá ao patrimônio nacional.

Entretanto, "a glória mais doce, mais pura, mais desinteressada do Brasil", ainda não teve um monumento que expressasse a gratidão do povo ao seu ilustre patrício.

Em dezembro de 1944 constituiu-se no Rio, sob a presidência do General Sousa Docca, a Comissão Executiva das homenagens a Joaquim Caetano. Pretendia a Comissão erguer-lhe um monumento em Porto Alegre e construir um mausoléu em Jaguarão, sua terra natal, para onde seriam trasladados os seus despojos.

De 1945 a 1948 não teve progresso a idéia. Neste ano, o Govêrno do Território do Amapá entrou em contacto com o dr. Arthur Caetano da Silva, neto de Joaquim Caetano, pleiteando a honra de virem aqueles despojos para a Capital do Território, transportados por navios da nossa Marinha de Guerra.

Em 1950 foi realizada a Comissão, sob a direção do ilustre General Djalma Poli Coelho, hoje presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A idéia inicial evoluiu e está em marcha, para a construção de um grande monumento no Rio de Janeiro e de outro em Macapá.

Desde a criação do Território do Amapá em 1943 e da instalação do seu Govêrno, que Joaquim Caetano da Silva vem sendo homenageado nesta região. Em 1944, tôdas as sédes municipais deram o seu nome a uma das principais ruas da cidade. A sua biografia é divulgada em tôdas as escolas, o nome de Joaquim Caetano da Silva é reverenciado com carinho por todos os amapaenses.

A Comissão Nacional do Monumento a JOAQUIM CAETANO DA SILVA, constituida de nomes ilustres no cenário nacional: Presidente, General Djalma Poli Coelho; Vice-Presidente, Cassiano Ricardo; Secretário Geral, Arthur Caetano da Silva. Membros: Capitão Janary Gentil Nunes, Ministro Carlos Maximiliano, Embaixador Sebastião Sampaio, Múcio Leal, Fernando Azevedo, Gustavo Barroso e Pedro Rach.

BATIDA A CUMIEIRA DO FORUM DE MACAPA'

O govêrno do Amapá, irrespondo todos os óbices, vem realizando em todo o Território as obras da maior importância, edificando prédios adequados a todos os misteres.

Agora, efetivando uma de suas multiplas preocupações, o govêrno vem de dotar a Justiça de Macapá com o seu soberbo Forum, para que as suas atividades possam ser desenvolvidas num ambiente condigno e confortável. E a 13 de maio último, comemorando a data heróica de «Libris suas atividades possam ser desenvolvidas num ambiente condigno e confortável. E a 13 de maio último, comemorando a data heróica de «Libris sinhos», teve lugar a cerimônia do lançamento da cumieira do Forum de Macapá, ato que contou com a presença do governador do Território, capitão Janary Nunes; do Juiz de Direito de Macapá, dr. Uriel Araújo; do dr. Jarbas Cavalcante, Juiz de direito de Amapá, do dr. Hildomar Maia, promotor público e credor oficial da solenidade; das demais autoridades e povo, de que são atestados os dois flagrantes que esta mpamos.

"O CUNHO DA GRATIDÃO NACIONAL"

Transcrevemos abaixo a belíssima exposição feita pelo ilustre general Sousa Docca, em 1945, ao Presidente da República. A idéia evoluiu para a construção de um grande monumento de Joaquim Caetano, no Rio de Janeiro, e de outro na capital do Amapá:

"Exmo. Sr. Presidente da República:

Na séde da Academia Brasileira de Letras instalou-se, em dezembro último, a Comissão executiva das homenagens a Joaquim Caetano da Silva, o varão ilustre, cujos despojos vão ser trasladados do Cemitério do Maruí, em Niterói, para o de Jaguarão, sua terra natal.

Quando solicitamos a V. Excia. a audiência, com que nos honrou a 7 do corrente, desejávamos expor o caráter cívico dessas homenagens, que terão o cunho da gratidão nacional.

Joaquim Caetano da Silva, nasceu na Guarda do Serrito, atual cidade do Jaguarão, na fronteira do Rio Grande do Sul, a 2 de outubro de 1810, e faleceu em Niterói, a 28 de fevereiro de 1873.

Aos 15 anos, seguiu para a França, onde completou seus estudos de humanidade, matriculando-se, em seguida, no Curso Superior da Universidade de Montpelier. Após brilhantes provas, formou-se em medicina, no ano de 1837.

Para o custeio de seus estudos, lecionou condiscípulos, brasileiros e luzitanos, e lecionou aos francêses . . .

Em 1828, recebeu o diploma de membro efetivo da Sociedade de História Natural de Montpelier, da qual foi eleito secretário. No ano seguinte, ainda estudante de preparatórios, e com 19 anos de idade, leu, na *Sociedade Literária Luzo Brasileira*, fundada por brasileiros e portuguêses, para cultivo da língua de Camões, uma lista de "*490 palávras, que Moraes esquecera em seu Dicionário . . .*" Essa conferência foi a base do seu formidável estudo, publicado em 1832, e intitulado *Suplemento ao Dicionário de Moraes*.

Um ano antes de seu doutoramento, 1836, apresentou ao Círculo Médico de Montpelier um estudo, escrito em francês, e que denominou *Fragmento de uma memória sôbre a quéda dos corpos*. Êsse trabalho lhe valeu o diploma de membro titular da instituição científica, e ainda a sua publicação, mandada proceder pelo mesmo sodalício.

A fama do estudante já transpunha os horizontes de Montpelier, e, nesse mesmo ano era eleito, na Bélgica, membro efetivo da Sociedade Real de Medicina de Gand.

Joaquim Caetano regressou ao Brasil em 1838. Foi nomeado professor de português, retórica e grego do Colégio Pedro II e professor de retórica, poética e grego do Liceu Provincial do Rio de Janeiro.

A 26 de junho de 1839 era expedido o decreto nomeando-o Reitor do Imperial Colégio Pedro II.

Fôra eleito, em 1838, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,

Em 1851, leu, nesse Instituto, em sessão presidida pelo Imperador, a *Memória sôbre os limites do Brasil com a Goiana Francêsa, conforme o sentido exato do artigo 8º do Tratado de Utrecht*. Essa memória foi a base de seu monumental trabalho o *Oyapock e Amazonas*. Êsse estudo,—disse o imperador Pedro II, *vale por 200.000 homens destacados na fronteira*.

Rio Branco — o *Deus Terminus das nossas fronteiras* — nos dois volumes do *L'Oyopock et l'Amazone*, firmou a defesa dos nossos limites com a Goiana francêsa, e declara que o grande historiador dando o maior elastério possível às suas idéias, exaradas na *Memória* de 1851, deixou patentes os direitos do Brasil ao território que lhe disputava a França e que se chamaria *O Contestado do Amapá* . . .

A 14 de novembro de 1851 foi nomeado encarregado dos negócios do Brasil junto ao Govêrno dos Países Baixos e a 17 de fevereiro de 1854, designado Consul Geral do Brasil.

Regressando a pátria em 1863, leu, no Instituto Histórico, seus eruditos estudos, denominados *Questões Americanas*, que elucidam muitos pontos de geografia e história, deixados sem solução por Alexandre Humboldt no *Exâme Crítico da História e Geografia do Novo Continente*.

O Instituto publicou em sua Revista a 1ª e a 2ª parte, denominadas, respectivamente, *Antilia e Brasil*, onde estuda longamente a origem do nome de nossa pátria.

Depois de 1863, foi nomeado Inspetor Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Côrte, e, finalmente, Diretor do Arquivo Nacional, cargo que exerceu até o seu falecimento.

Era membro efetivo do Instituto de Geografia de Paris.

Foi-lhe conferido o habito de Cavalheiro da Ordem de Cristo e dignatário da Imperial Ordem da Rosa.

Recebeu, de Portugal, a Comenda de Cristo.

O prefeito da cidade de Niterói, dr. Paulo Alves, referindo-se à concessão do nicho, onde repousam, no Cemitério de Maruí, os despojos de Joaquim Caetano da Silva, disse em sua mensagem:

"Os vastos territórios do Amapá, incorporados ao patrimônio da República, são a conquista desse famoso exército de 200.000 homens, que assegurou, no pleito, as glórias de Rio Branco.

Quando foi divulgado, em Paris, *L'Oyapock et l'Amazone*, o ministro do Exterior de Napoleão 3º, apresentando ao imperador os dois volumes, declarou: *magestade, esta obra está escrita no francês de Racine* , . .

Silvio Romero, o mais escrupuloso dos críticos e historiadores brasileiros, assim se refere a Joaquim Caetano:

"É a glória mais doce, mais pura, mais desinteressada do Brasil. Foi o tipo do cientista, do sabedor mais modesto, mais alheio a qualquer genero de pose. Foi, acima de tudo, uma conciência, meticulosamente pura, aplicada

(Continúa na página 10)

"O CUNHO DA GRATIDÃO NACIONAL"

(Continuação da página 9)

ao estudo".

Exmo. Sr. Presidente da República:

A exposição acima, que a Comissão infra assinada tem a honra de passar às mãos de V. Exc., é a justificativa do pedido, que vimos fazer ao govêrno federal.

A 7 de setembro próximo realizaremos a trasladação dos despojos, recolhendo a uma funerária a um mausoléo condigno no Cemitério de Jaguarão, depois das homenagens que serão prestadas, nesta capital, pela Academia Brasileira de Letras e Instituto Histórico e Geográfico.

A estátua será erguida na cidade de Porto Alegre, em sítio que se avisinhe ao monumento eregido ao imortal Barão do Rio Branco.

O orçamento dessas homenagens, — mausoléo e monumento — está estimado na base de um milhão de cruzeiros.

A Comissão antes de recorrer a outros meios, solicita o apôio material do govêrno da República, que assim dará mais um exemplo de acendrado civismo.

Rio de Janeiro, 17 de maio de 1945

a) Gen. Sousa Docca—Presidente»

Casa Zito Alves

MERCEARIA
ESTIVAS E
MIUDEZAS

Especialidade em bebidas nacionais e estrangeiras

Praça Cap. Assis de Vasconcelos
MACAPÁ

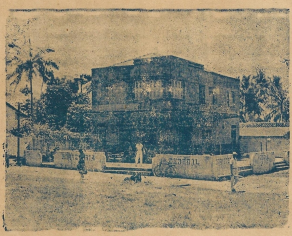
Foto "Martins"
De R. A. MARTINS
Praça Assis de Vasconcelos, 30
Executa-se com perfeição todo e qualquer serviço de fotografia
Vende-se filmes, Maquinas, Albuns, etc.
Casa especialista em artigos de Fotografia, Livraria, Papelaria e Agencia de Revistas
Macapá — T. F. do Amapá

Aliaiataria Roraima
— DE —
SILVA & LIMA
Variado sortimento de linhos, tropicais, etc.
Confecciona qualquer peça com a máxima urgência e perfeito acabamento e com corte ante-prova
Rua General Gurjão — MACAPÁ

SARAH ROFFE' ZAGURY & Cia.

Casa Leão do Norte
Sorvetaria Central

Drogaria ZAGURY
Agência da Cruzeiro do Sul



IMPORTADORES
— E —
EXPORTADORES
TECIDOS
DROGAS
MIUDEZAS
ESTIVAS
Distribuidores da S/A Philips do Brasil no Território do Amapá
Relógios Mido, Longines, Norma e Oris

MACAPÁ
Território Federal do Amapá

A DÔR DO ORFÃO

GEORGENOR FRANCO

Quando a saudade se distancia no tempo, por fatalismo do próprio tempo, a alma humana se harmonisa dentro da dôr, transformando-a em sorrisos. Isso é do próprio determinismo da resignação.

Quando o desespêro nos atinge de cheio, desorientando nosso raciocínio, sente-se a revolta de tudo no vasio de nossa angustia.

As palavras de confôrto quando, por exemplo, nossa mãe acaba de nos dar a ultima benção, no último arquejo, servem para mais aumentar nossa tortura. A dôr que a orfandade provoca só encontra consolo e cura dentro da solidão, no silêncio sublime de fé que se possua. No primeiro instante, nem a lágrima atenua nossa angústia. O confôrto amigo — quantas vezes decorrente do dever social — tambem não enxuga nosso pranto interior. A hora reclama silêncio, exige isolamento, suplica abandono. Tudo o que venha do exterior atormenta, magôa, ofende a alma. Somente a solidão nos faz bem. O pranto que se chora, se não for lenitivo, é base para a futura resignação. Porque a alma só sabe gritar através o silêncio expressivo das lágrimas.

Nenhuma dôr no mundo se iguala a que sente o filho que acaba de assistir a morte de sua mãe. Ninguem a traduz, ninguem a compreende, ninguem a define — porque ela é infinita na eternidade de sua existência, quer nas horas em que a vida se entristece ou nas horas em que a vida se embriaga na banalidade das diversões profanas — mas todos a sentem com a mesma intensidade de sofrimentos irrevelados.

Depois que nos falta na jornada das lutas a benção materna, o filho orfão sente-se meio desamparado para a conquista da felicidade. Perdido o maior bem que a Divindade concede a todos os homens, até àqueles que não conhecem pai, a vida se transfigura e somente a fé que a mãe nos ofertou com a elevada compreensão de seus deveres, levando até ao sacrifício a nobreza de sua missão, nos pode oferecer novas perspectivas para a aquisição de um outro bem que, um dia, nos pode fugir das mãos, quase sempre para a desgraça total do nosso destino.

O filho orfão guarda no coração a angústia de tôdas as melancolias e o desespero mudo de todos os sofrimentos.

Nada pior no mundo do que, na hora das incertezas, quando o Destino chicoteia nossa vida com a violência de uma surpreza desconcertante, nos faltar a prudência de um conselho materno revigorando nossa esperança e fortalecendo nossa capacidade de lutar para vencer.

Felizmente que na orfandade, quanto mais se distancia a lembrança da hora do golpe, á proporção que cresce nossa saudade transformada em sorrisos, mais se consolida nossa fé na proteção Divina, orientando nossa vida para o caminho ante-sonhado da felicidade que se merece.

CORAÇÃO DE TABATINGA

Wladimir Emanuel dispensa palavras de apresentação. Seu nome, como poéta do norte, filho da terra paraense, é festejado no sul. Seu livro de versos — "POROROCA" — mereceu, ha dez annos passados, o prêmio difícil da Academia Brasileira de Letras.

É do seu sentimentalismo amazônico a mimosa producção desta página:

Noite linda de São João.
Tentei a adivinhação
da água do poço, pra ver
por quê, no teu coração,
não vinga o meu bem-querer ...
A água do poço bulbu
no silêncio da mandinga.
E uma voz, triste, subiu:
—"Que foi que você já viu
se firmar na tabatinga ? ..."

Coração de tabatinga ...
eu gosto tanto de ti!
Fiz uma cêda pitinga,
para te dar assaí ...

E plantei — que cisma louca! —
touças de cana escolhida,
—para adoçar tua bôca,
para adoçar minha vida ...

Minha barraca de palha ...
Junto a um pé de bogari.
Lá dentro é que se agasalha
minha vontade de ti ...

Na mesa, o ouriço catita
de castanha sapucáia;
na rêde, o lençol, de chita,
parece até de cambraia.

O silêncio do mormaço,
perfumado de jasmin,
se espreguiça pelo espaço,
para trazer-te para mim ...

Mas, quando o chovisco vem,
bate nas palhas, respinga,
Coração de tabatinga!
chove em meus olhos também...

Nas promessas que fizeste,
o meu destino prendi:
não laço nada que preste,
senão esperar por ti ...

Te espero em cada canôa
que vem, que vae, no estirão;
teimando em ter fé, à tôa,
teimando em ser cego, em vão ...

E espero ... Mesmo porquê,
se esta esperança eu perder,
sem esta ilusão, de quê
meu coração vae viver?

Mas, esperar também cansa...
Depois, sempre ouvi falar,
tem vez que a própria Esperança
desespera de esperar ...

A minha vida é tão triste,
tão triste, que chega a doer!
Da peor tristeza que existe
—a que não deixa esquecer ...

E ando, assim, nesta tortura,
olhos e alma fatigados ...
A alma, sêca de amargura,
os olhos, sempre molhados ...

WLADIMIR EMANUEL

A NOITE DAS FOGUEIRAS

ADERBAL MELO

HOJE é o dia de São João, anoitecendo a noite tradicional das fogueiras estrepitadas pelas russ em festa.

Nas capitais inundadas pelas lâmpadas elétricas a se refletirem no polimento das artérias asfaltadas, o lume das fogueiras joaninas foi desprezado.

A tradição morreu envenenada pela civilização. Sim, sería retrógrado, inteligível, ante-grã-fino, colocar nos lagedos envernizados um feixe de lenha para ser queimado em louvor a São João! ... E o modernismo snob festeja a noite das fogueiras cerimoniosamente debruçado no peitoril marmóreo das janelas, soltando carissimos e complicados fogos de salão. Depois, bebe champanha francêsa e devora "marron glacé" ...

Isto, evidentemente, nunca foi uma noite de São João. Porque essa noite tão saborosa, tão singêla, profundamente sentimental, cheirando a caramanchões de bogari e de belle-de-noite, jamais se bastou da simplicidade do sertão, da roça, do interior. Nesses lugarejos silenciosos e rodeados de arvoredo trescalante, sim, vive, até hoje, tradicionalmente esplendorosa, a noite de São João. Nos terreiros varridos a piassava, onde são dispostos os tamboretes e os bancos compridos, de madeira tôsca, a rapaziada alegre e simplória diverte-se namoriscando as moçoilas que rodam os seus vestidos de chita, cantarolando feitzes. Ali perto as fogueiras, sempre alimentada de pedaços de árvores tombadas, crepita e joga para o ar, batida pela brisa noturna, um chuveiro de fagulhas.

Nas águas represadas dos pôços são tentadas as advinhações para um e para outro coração alvejado pelo arco de Cupido. De um panelão de barro vidrado escorre para as gargantas, de paladar acêso, as repetidas canécas do delicioso aluá. E o pessoal se vai alegrando dentro "dessa noite tropical em que o céu parece querer desabar ao peso de tanta estrela".

Um balão, outro mais, mais um, de gomos coloridos, se desprendem da terra para a visgem sem rumo e sem leme, deslisando pelos caminhos sêres e longínquos dos astros boêmios e notívagos, levando no seu bôjo de sêda a mensagem que ninguem receberá.

No seu "curral" o "boi bumbá" está dançando sôbre as pernas do "tripa", cercado do "Pai Francisco", da "Mãe Catarina" e do povaréu que forma a bulhenta assistência. Ao batuque dos taquinhos de madeira ouve-se a famosa cantiga:

Chico tira a lingua,
Chico tira a lingua
Do boi bumbá!

E o "magarefe" responde:

A lingua tá dura,
A lingua tá dura,
A faca tá cega, não quê
cortá! . . .

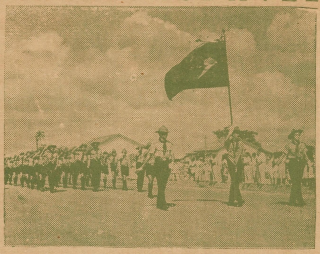
A noite vai avançando, animada, com mais alma, bôlos de macachera, milho açado no braseiro, enquanto os namorados, ingenuamente, "passam" a fogueira de São João, dizendo um ao outro, com os semblantes iluminados pelo fôgo da lenha crepitante:

São Pedro disse
E São João confirmou
Que nós somos noivos
Porque Deus mandou.

E os abraços, os apertos de mãos, tão sonhados e desejados, gosam de liberdade nesse momento que vale um século. Depois ... para o uno que vem, muita sorte tirada no cópo, na agulha, nos troncos resinoros das bananeiras, se vai ver que deu certo ... Os que "noivaram de fogueira" acabaram casando com o mesmo calôr das fogueiras joaninas.

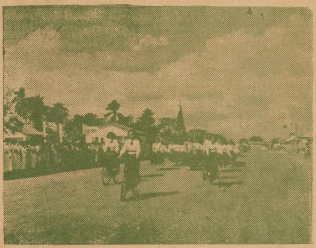
E como poderão, os nubentes venturosos, deixar de dizer e comentar, sorridentes, que São João é mais milagroso do que Santo Antônio?! ...

JOVIALIDADE SAUDAVEL



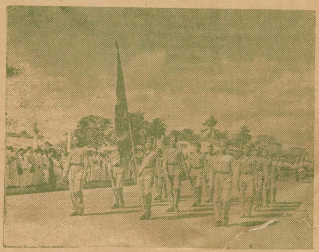
A VIDA dentro dos muros clorofilados do Amapá, vem sendo assim: tranquila, confortável, livre, rodeada de saúde e de segurança.

A juventude amapaense, onde se assentam as grandes esperanças desta planície, divorciou-se vincularmente das doenças e do marasmo, hoje praticando todos os esportes que a tornam saudável e pujante, podendo desfilar garbosas pelas ruas da cidade.



Os flagrantes fotográficos são recentes atestados de como se preparam os jovens da região para enfrentar, como vencedores, o futuro que os aguarda.

São os escoteiros da Associação "Veiga Cabral", os alunos da Escola Normal e alunos do Ginásio Amapaense, os que aparecem desfilando num dia de festa cívica.



SOCIEDADE

ANIVERSÁRIOS

HOJE:

Está em festa o lar do dr. Amiraldo Nunes e de sua esposa, a senhora Virginia Nunes, pois é o dia em que Lilian, enlevo do casal, aniversaria feliz.

—O sr. Raimundo Batista da Costa, hábil auxiliar das oficinas da Imprensa Oficial.

Dia 26:

—Sr Valter Batista Nery, funcionário do SAG.

O sr. Belarmino de Barros, administrador da Olaria de Macapá.

Dia 28:

A senhorita Rita Matos Costa, que emprega sua atividade na Divisão de Educação.

Dia 29:

O dr. Jarbas Cavalcante, juiz de direito de Amapá, e sua esposa, a senhora Olga Cavalcante, comemorando, nessa data venturosa, o aniversário natalício de Ana Maria, filha querida do distinto casal.

Dia 30:

Para o lar do dr. Uriel Araújo, íntegro juiz de direito de Macapá, o próximo dia 30 será de grandes alegrias com o transcurso do natalício de sua esposa, a senhora Anaíde Araújo.

O evento dará ensejo a que a distinta senhora receba as homenagens da sociedade local.

BAZAR

E' verdade que, na corrida dos anos, as mulheres não melhoram. Mas, nós pioramos . . .

NO Bazar da Vida, o artigo de primeira necessidade mais procurado é a Felicidade. A Decepção, no entanto, é que é oferecida até gratuitamente.

A razão estava com aquele homem semi-analfabeto quando dizia: a voz da experiência aconselha que, para a mulher e para o dinheiro, não deve existir a bôa fé.

SE as sereias modernas vivessem no fundo do mar, os peixes já teriam aprendido a exigir, como isca, uma moeda dourada.

NA atualidade, as mulheres que envelhecem vão colorindo de azul os cabelos para terem a impressão de que a velhice não é negra.

AS mulheres, hoje em dia, entram no casamento com o mesmo espírito de curiosidade com que penetram numa casa de modas. E escolhem, apenas com o sentido da visão, um marido ou um "maillot" de duas peças . . .

O casamento, dizia-me um homem honesto, só é ruim do meio para o fim . . .

Não há nenhuma diferença entre este Bazar e uma cabeça feminina: ambos somente expõem quinquilharias.

ALOM.

O CLUBE DE XADREZ E A NOITE DE SÃO JOÃO

Será hoje, dentro da ruidosa noite tradicional consagrada a São João, que o Clube de Xadrez de Macapá fará realizar a sua tão ansiosamente esperada Festa da Fogueira.

O ambiente escolhido para êsse encantamento joanino, numa hora feliz, foi o parque externo da vetusta Fortaleza que se ergue, magestosa, à margem do Amazonas, como granítica lembrança do Brasil-Colônia. E, sob as àrvores anosas e amigas, a família social da cidade verde participará dessa noite bulhenta de fogueiras e foguetinhos, dançando aos acordes da bôa música.

A bôa sorte estará com todos os convivas do Clube de Xadrez, pois, o simples fato do comparecimento à Fortaleza, daqui ha pouco, constitui motivo de alegria, de sensações, de delícias terrenas.

Um bar pródigo em iguarias oferecerá tudo o que o paladar mais requintado exigir, inclusivè as guloseimas próprias da noite.

E quando a grande fogueira de São João mostrar só as suas cinzas no avançado da madrugada, repontará uma saudade no coração de cada participante da romanesca festa.

Impressões

MAZAGÃO VELHO

O rio assemelha-se aos poucos a um funil liquido, para quem sóbe da fóz. Na parte mais estreita, bem acima, em terreno elevado, surge quase de inópino o velho núcleo, outróra antiga urbe florescente, populosa e movimentada.

A vila olha placidamente as águas, limitada pelo declive de seu primeiro arruamento e como que guardada no aconchego da floresta que a cerca por outros lados. Vetustas mangueiras, como grandes taças vegetais pousadas no sólo, enfileiram-se com ar majestoso, senhoril, certamente ciosas do passado faustoso que conheceram. Vários lampeões suspensos em postes de madeira obrigam ao natural retrospecto à época da iluminação de querozene.

As duas ruas que se conservam em alinhamento, inobstante as falhas das tapéras, abrigam uma parcela de habitantes que vivem quietamente, remanescentes de um feliz tempo volvido. São cortezes, acolhedores, e respondem amavelmente ás saudações que recebem.

Aqui um amplo casarão, em que janelas e gradis de ferro parecem aguardar ainda que se povôe de sombras e silhuetas o amplo salão; alí um velho soalho em madeira negra e amarela aparenta ressoar também sob os passos de alguem já desaparecido.

Fragmentos da tradição popular, fáses vivas de incruentas lutas políticas, alusões à vida da então séde da comarca, ouvem-se de um antigo morador, do qual a singeleza da expressão não exclúe a honestidade das referências.

Pouco depois, as primeiras sombras da tarde caminharam sôbre a floresta e vieram adensar-se sôbre a vila. Na mèsta placidez das coisas tocaram os sinos da igreja clara, onde as imagens trasladadas da África têm um traço de originalidade nas linhas e proporções. Soavam as Avé-Marias, e a passos lentos deambulei ao acaso, sentindo bem perto a alma encantadora das ruas, menos no que se me oferecia à vista quanto no que conjeturava, desfeito no tempo. Aos ouvidos vinha o rumor dos próprios passos como se os seixos em profusão protestassem contra a presença do forasteiro, alheio á paz e quietude envolventes. Ashaverus redimido, detivéra o tempo, o seu curso, seduzido pelo recanto longínquo embuçado em seu manto verde-escuro. Cessára, quasi definitivamente, a lei do movimento que preside á vida, em pretensa fixação definitiva de um momento aleatorio. Mazagão Velho tornava-se mais recolhida, mais saudosa do seu passado, mais amante dos seus segredos. A presença de um amigo que, solitário também, fazia indagações mudas às pedras e aos sêres chamou-me à diuturnidade da existência, dissipando a névoa irreal das impressões.

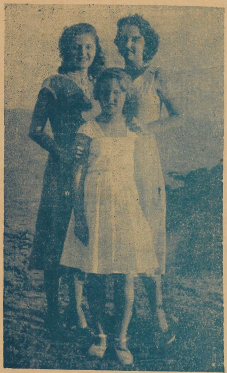
Já a luminosa poeira dos astros noturnos caía brandamente, ataviando a natureza, e notas alegres feriram o espaço. Três ou quatro instrumentos rústicos, entre os quais uma avena de bambú, a lembrar Melibeu e os pastores arcadianos, compunham o amável conjunto cheio de sonoridade e expressão. Mazagão adormecia ao som da música patriótica de seus filhos caboclos, embalada docemente nas ondas maviosas de suas violas, de seus violões, emoldurada pela majestade da natureza silente e imóvel.

J. C.

O ENSINO NA CIDADE DE AMAPÁ

Grupo Escolar de Amapá

Alegria De Viver



Três sorrisos que encantam Macapá e inspiram os aldos emocionais. Só o rio Amazonas está triste porque a encantadora trindade voltou-lhe as costas...

Mocidade Amapaense

Na Serra do Navio, onde aflóra o minério de manganês, também aflóra essa mocidade esbelta a atestar uma vida sadia e provocadora de romances.

SEGRÊDO

O Verso é apenas uma forma
pálida e imprecisa.
Não diz do intraduzível sentimento,
da realidade latente e obcessiva,
do espírito intangível,
irrevelado, esquivo que há em mim.
Ninguém se iluda:
Sou um misto de êxito e desordem.
Conheço o receio da palavra
e a indecisão do gesto.

Dos apetites rudes,
clamorosos,
do meu corpo,
da volúpia sofrida e revoltada,
do meu sensualismo pela vida,
da ternura que anda em minha alma,
eu não diria nada.

—o—

O Verso é apenas uma forma
pálida e imprecisa . . .

Álvaro da Cunha

V EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS E PRODUTOS ECONOMICOS

Três mêses apenas faltam para a realização da V Exposição de Animais e Produtos Econômicos do Território Federal do Amapá, pois, de 13 a 16 de setembro vindouro, a Fazendinha estará transformada no grande parque expositivo de nossas possibilidades e de muitas das nossas realidades econômicas.

Como vem sucedendo todos os anos, essa festa estimulante dos criadores e produtores — proporcionada pelo govêrno amapaense — desperta a atenção e o interesse até fora dos nossos limites, à mesma comparecendo expositores de tôda a Amazônia e de Estados mais distantes, que, congregados nesta planície imensa, colaboram na próprio progresso de cada um.

O Amapá, indiscutivelmente, graças aos planos que vem realizando tambem na pecuária, pode, bem cedo, alcançar o êxito culminado, mostrando em suas campinas um rebanho altamente melhorado e resistido de todos os requisitos zootécnicos, convencendo das inadiáveis providências tomadas nesse sentido.

Alargando êsse empreendimento de vulto, o Território, por intermédio de sua Divisão de Produção, efetivará êste ano, naquele período e local, a exposição de produtos econômicos, possibilitando igualmente aos agricultores e industriais da região, bem como de fóra dela, ofe-recerem, em conjunto, pública demonstração do adiantamento de suas terras, ao mesmo tempo em que lhes serão facilitados os mais atualizados conhecimentos adquiridos na atividade profissional incessante e esclarecida.

Assim, não temos a menor dúvida quanto ao sucêsso da V Exposição de Animais e Produtos Econômicos do Território, assinalando, como as anteriores, notável e útil acontecimento de grande repercussão no país.

Fachada do Matadouro Modêlo de Macapá, um estabelecimento ultra-moderno que preenche tôda as suas finalidades.

PÁGINA SENTIMENTAL

ELEGÂNCIA
REQUINTES
MINIATURAS
IRONIAS

O TESTE DA FIDALGA

Sob êsse título, Hormino Lyra produziu um emocionante soneto, cuja história é esta: a linda e vivaz Marqueza à todos os seus convivas da noite atirava, a queima roupa, por entre um sorriso irônico, o teste embaraçoso:

«Qual a diferença, meu senhor, existe,
entre mim e essa pêndula? Franqueza.»

.....

«E ninguem resolve o teste da Marqueza...»

Finalmente surgiu um velho sábio, mais sábio do que velho, pensamos nós, e decifrou, elegantemente, o enigma, sem ser devorado . . . exclamando:

«A pêndula, Marqueza, tenho as horas.
Vossa Excelência, então, faz esquecê-las.»

Um belo madrigal, não há dúvida, à meia noite daqueles tempos. Porque, hoje, nenhum sábio encontraria num salão uma só mulher de espírito capaz de evitar o sono do seu interlocutor. Na atualidade, as evas tradicionais, tão vastas como uma barata, são sempre, em qualquer reunião, enervantes pêndulos que oscilam lembrando todos os minutos martirizantes de sua indigência mental . . .

A CONQUISTA...

Aquele intelectual, homem de salas e conquistador tão terrível quanto D'Annunzio, o poeta-soldado, participava do baile de máscaras. Seus olhos de estéta logo descobriram uma fascinante silhueta fantasiada, capichosamente, de Cleopatra. Com uma reverência donjuanesca, tirou-a para valsar. E, aos ouvidos da divina Cleopatra, durante a dança, sussurrou com a sua invencível dialética amorosa:

— Minha linda Cleopatra, quizera ser agora um Marco Antonio! . . .

E a bailarina, fazendo um dengo, respondeu-lhe com os lábios quasi colados aos seus ouvidos:

— Que Antonio? . . .

Permitam a cópia, mas, só dizendo como o Vão Gôgo:
Pano rápido.

SÃO JOÃO

Olha um balão! E a garotada, em tôrno da fogueira, pula desprecoccupadamente. As moças casadoiras, de mãos dadas com os pagens românticos, cantarolam alegremente:

«São João disse.
São Pedro confirmou
Que nós somos noivos
Porque Deus mandou.

E é assim, saboroso, simplório, o São João na roça. Sem pistolas multicores, sem chuveiros dourados, sem fogos de artifício, mas, com o aluá e o tarubá cheirosos distribuidos pelo terreiro onde as tapuias, de chitão vistoso, mudam a sorte dos homens e poetisam o seu destino.

E os balões, pelo espaço, são estrelas que andam, são luzes que caminham, como os vagalumes.

CAPRICHOS DE MULHER

Aquela figurinha de Tanagra tinha um gênio diabólico. Exigia, todas as noites, dentro do clássico expediente das 7 1/2 às 9 1/2, que o **seu namorado recitasse versos.**

E ele, coitado, recitava uns após outros. Depois, fatigado, ponderava, humildemente:

— Querida, basta, tenho a garganta em brasas! . . .

— Recite, mais, vamos!

O pobre obedecia. cabisbaixo.

Até que cansou e, subitamente, revoltado, rodopiou sôbre os calcanhares e caminhou resoluto sem se despedir.

Ela gritou:
— Venha cá, querido.
O mancebo, fraquejando, retrocedeu.

— Você querida, tem um gênio. . .

— É, você mesmo já vem brigar de novo. Depois . . . depois.

E um beijo suavisou-lhe a bôca sedenta.

UMA FRASE DECISIVA

D'Annunzio, durante certo tempo fascinou Paris com o seu espírito e a com sua coleção de gravatas. Seu coração andava apaixonado por todas as lindas mulheres. E as mais famosas não resistiam quando abordadas pelo seu frasear madrigalesco.

Mas, uma só — Izadora Duncan — foi cidadcla que não caiu aos ataques do poeta, em plena época d'annunziana. Contudo, declarou que a sua luta interior paranão ser vencida, foi tremenda. Principalmente numa determinada ocasião em que estando a passelar com D'Annunzio, nas proximidades de um bosque, ele lhe disséra irresistivelmente:

— «Izadora, ficarei receioso se **penetrar com você no bosque. Por**que você possúi o dom de se incorporar à própria natureza» . . .

DE PETRÔNIO

ESPORTES

SUPERANDO tôdas as dificuldades em qualquer dos ramos esportivos entre nós praticados, o nosso esporte amador, ajudado pelo esfôrço infatigável de seus aficionados, pode levar o Território do Amapá a tomar parte em várias competições f o r a dos seus limites, recebendo, então, da crítica especializada, os mais lisonjeiros conceitos.

A primeira competição a que concorremos, foi a da "Volta da Cidade", prova rústica realizada a 15 de novembro de 1947, na capital paraense, sob o patrocínio da Base Aérea de Belem. Nessa magnífica exibição de pedestrismo, a que compareceram os mais destacados corredores do norte, coube ao atleta amapaense, Tomé Nascimento das Chagas, cobrir o percurso de 12 quilometros em 47 minutos, colocando-se, espetacularmente, em primeiro lugar.

Em 1950, pela primeira vez, a nossa seleção disputou o Campeonato de Futebol, tendo como adversário o Pará, que nos impôs duas derrotas pelos mínimos escores de 1x0 e 3x1. Esse resultado, entretanto, já era a demonstração do nosso progresso, quando os paenses viram no onze do Amapá um quadro combativo e disciplinado.

Ainda nesse ano voltamos à capital guajarina afim de decidir as eliminatórias do Campeonato Brasileiro de Voleibol, onde fomos vencidos na partida "negra", resultado que diz bem do valor da seleção amapaense como participante do vôlei.

No ano em curso disputamos o Campeonato Brasileiro de Futebol de Juventude Amadorista, tendo, mais uma vez, o Amapá enfrentado o Pará, como primeiro adversário.

Os nossos gramados já receberam as vistas do Clube de Regatas Flamengo, de Rio; Nautico Capibaribe, de Pernambuco; Sampaio Corrêa, do Maranhão; Luzeiro, Brandutico, Paulista, Paisandú, Tuna Luzo Comercial e Clube do Remo, do Pará. Desses clubes apenas o Flamengo e o Nautico conseguiram sair invictos.

Para o Campeonato Brasileiro de Futebol do corrente ano, contamos com um número elevado de peloteiras capazes de figurarem em qualquer um dos grandes clubes do norte.

Nossos amadores, mesmo praticando os esportes apenas durante as folgas do trabalho, empenham-se, com a colaboração do govêrno, no sentido de enaltecerem o nome esportivo da terra planiciária, onde uma mocidade sadia se prepara eficientemente para o futuro, já programando o seu início no esporte do remo, possuindo quatro excelentes barcos de corrida, ofertados gentilmente pelo Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro.

HOMENAGEM PÓSTUMA

DR. ACILYNO DE LEÃO

Médico de renome, professor dos mais abalisados de Medicina Legal, literato de cultura invulgar, o dr. Acilino de Leão, nascido em Macapá, é um nome que recordamos com orgulho e respeito.

No Pará, onde sempre viveu, alcançou tôdas as projeções, deixando, com a sua morte prematura, desfalcados os ambientes científicos e culturais, que tanto lhe devem.

À várias gerações das Faculdades de Medicina e de Direito da capital paraense, o saudoso mestre e amigo presenteou, regiamente, ministrando-lhes as aulas inesquecíveis.

Membro de realce da Academia Paraense de Letras, em seus arquivos deixou o alto relêvo de uma pena polimórfa, com trabalhos que enriquecem o nosso patrimônio cultural.

Militando na política, viu-se eleito, em vários sufrágios, deputado estadual e federal, bem como suplente de senador.

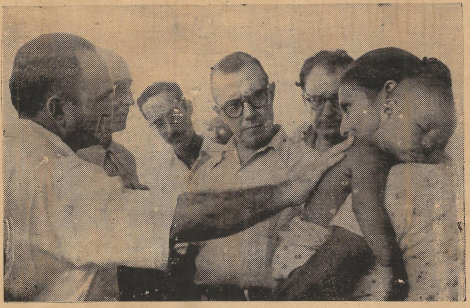
Tôda a sua vida, porém, foi dedicada à medicina, procurando, dentro do seu sacerdócio, amparar os enfêrmos ricos e pobres, indiferente aos lucros da nobre profissão. E, assim, espalhou o bem pela humanidade, sempre preocupado em extinguir ou suavisar seus sofrimentos.

Sua fama de grande médico ecoava fóra do país, pois Acilino de Leão foi um espírito que manteve ininterrupta aliança com os estudos mais profundos.

Em dezembro de 1950 a morte veio abate-lo em Belém, consternando todo o país. Os seus funerais tiveram o cunho de uma consagração pública, e refletiram a saudade que deixava em todos os corações.

REVISTA DO AMAPÁ, com êste registro, homenageia a memória do pranteado macapaense.

A CRIANÇA AMAPAENSE



A criança amapaense hoje é robusta porque possue o seu pálio protetor: o Pôsto de Puericultura, onde médicos, enfermeiros e alimentação sadia lhes são proporcionados diuturnamente, bem como a todas as gestantes.

Casa Esperança

— DE —

José Coêlho dos Santos

Baixo Araguary

Fazendas — Estivas — Ferragens
Produtos Farmaceuticos e Miudezas

Casa Exportadora de
Gado de côrte, Farinha e Peles
de animais silvestres

CASA BRANCA

(FILIAL)

Gêneros alimentícios de primeira necessidade—Fazendas—Ferragens—
Miudezas e Produtos farmaceuticos

Compra e vende todos os produtos regionais

A casa mais barateira da Vila de Porto Grande

Território F do Amapá

CASA FE' EM DEUS

— DE —

Isaac M. Alcolumbre

O REI DA FARINHA

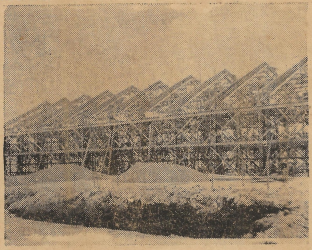
Completo sortimento de

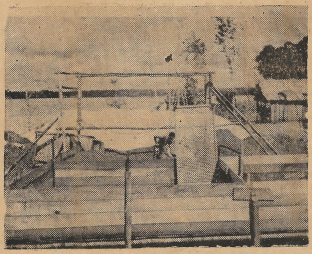
Artigos de Ferragens, Estivas,
fazendas, calçados e armarinho

RUA CÂNDIDO MENDES

Macapá — Território F. do Amapá

PÔRTO DE MACAPÁ





O Pôrto de Macapá sempre foi a maior, mais justa e inadiável aspiração dos amapaenses, obra vital para os altos interesses econômicos do Território.

Agora, iniciando a realisação de tão útil e necessária obra, o govêrno amapaense dá mais um grande passo no seu largo programa de recuperação de tôda a região, possibilitando a vinda regular, a Macapá, de vapores de grande porte para maior palpitação do seu comércio e da sua indústria, o que facilitará, sobremodo, a vida de todos os habitantes, com um menor prêço aquisitivo.

As fotos mostram a possante estrutura do armazem em construção no Pôrto de Macapá, em Santana; britagem e preparação do concreto para as estruturas das várias construções, e um flagrante do governador Janary Nunes, acompanhado do dr. Acrísio Corrêa, chefe do 2.º Distrito do Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais, e do engenheiro Hermógenes Lima Filho, diretor da Divisão de Obras do Território, quando se dirigiam para uma visita aos trabalhos em andamento.

RESERVISTAS DO AMAPA'

Comemorando a grande data nacional da Batalha de Tuiuti, a 24 de maio último, o Tiro de Guerra 130 realizou, em Macapá, a entrega dos Certificados de Reservista à turma de 1950, e das medalhas de prata e bronze aos jovens reservistas que saíram vencedores do Concurso de Tiro do referido ano.

A festiva solenidade foi presidida pelo capitão Janary Nunes, governador do Território, que, após o hasteamento do nosso Pavilhão, proferiu um discurso sobre os deveres do reservista e do trabalho que todos devem desenvolver dentro desta vasta faixa amazônica.

Encerrando a empolgante manhã de civismo e patriotismo, desfilaram na praça Barão do Rio Branco os reservistas e alunos do Tiro de Guerra 130.

A ilustração é de um aspecto da solenidade.

Artigos de Mercearia, Ferragens, Fasendas e Miudezas

ENCONTRA-SE a PREÇOS SEM COMPETENCIA

— na casa —

ABRAHAM PERES

Uma das casas mais antigas e conceituadas desta capital

××××

Compra e vende todos os gêneros de produção

do Território

Praça Assis de Vasconcelos — *MACAPA'*

ERRATA

Na página 7, leia-se: *Os escoteiros de Terra e Mar.*

Na página 14, leia-se: *podendo desfilar garbosa.*

Na página 17, leia-se: *inspiram os aedos.*

Sapataria Moderna

DE

José *Campos Monteiro*

IMPORTA diretamente das praças de Belem e do Sul do País

FABRICA DE CALÇADOS para homens e senhoras

Mantem uma oficina apropriada para conserros de calçados A PREÇOS MODICOS

Praça Assis de Vasconcelos — MACAPÁ

A NATAÇÃO NO TERRITÓRIO

A NATAÇÃO sempre foi o esporte mais eficaz para o desenvolvimento físico. E o govêrno do Território, assim compreendendo, dotou a nossa capital com a moderna Piscina do Grupo Escolar " Barão do Rio Branco", onde a juventude vai exercitar os seus músculos, praticando o importante e saudável esporte.

A Piscina está construida em terrenos do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco". Tôda de concreto ciclópico, tem trinta e cinco metros de comprimento por doze de largura, em secções de duas profundidades. A piscina é abastecida por uma bomba elétrica instalada em um pôço próprio, construida em concreto armado e de grande capacidade.

Conta ainda com instalações complementares, como banheiros com chuveiros, vestiários, arquibancada, pediluvios de água clorada, sendo inteiramente cercada de tela; possui também esgotos rápidos valvulados e escada de ferro. A capacidade da piscina é para duzentos banhistas.

A foto ao lado foi batida no dia 21 de abril deste ano, data de sua festiva inauguração.

Casa Competidora

— DE —

Aurélio da Costa Dantas

BAR E MERCEARIA

A Casa mais antiga e mais bem sortida de gêneros alimentícios

FERRAGENS
ESTIVAS
FAZENDAS
e MIUDEZAS

Mantem um ótimo salão de bilhar
Bebidas geladas nacionais e extrangeiras

Ponto elegante da sociedade local

PORTO GRANDE — Município de Macapá

CASA RESTAURAÇÃO

— DE —

COSTA & FILHOS

Grande Sortimento De Fazendas, Ferragens, Armarinho, Miudezas, Estivas, Artigos Farmaceuticos, etc.

Compra todos os gêneros de produção do municipio aos melhores prêços

Filiais — Lago Novo, Aporéma e Baixo Araguary

Rio Araguary — Município do Amapá

Território F. do Amapá

Casa JUVENIL

— DE —

J. Pinto & Cia.

Completo sortimento de
ARTIGOS EM GERAL

Importação
das praças do sul

Casa especialista em roupas feitas para crianças e adultos

Rua Siqueira Campos

MACAPÁ — T. F. do Amapá

Casa NAZARE'

DE

Manoel Torrinha & Cia.

Completo sortimento de Fazendas, Perfumarias, Armarinho, Gêneros de Alimentação, Ferragens etc.

Vende aos menores preços da praça

Sortimento renovado todos os meses

Bebidas nacionais
e extrangeiras

MACAPA' — Território Federal do Amapá

Casa A Brasileira

—DE—

Hamilton H. da Silva

A menor Casa com
com o maior sortimento de miudezas em geral.
Perfumarias, artigos de
LIVRARIA, Etc.

Preços baratissimos

Macapá — Território do Amapá

J.W. CARVALHO

Representações em geral

Vendas à vista
e a praso de
Radios, Bicicletas e máquinas de escrever

FAZENDAS
— E —
MIUDESAS

Avenida Amazonas — MACAPA'

Se V. S. está construindo e quer um serviço de esquadria perfeito procure a

FABRICA TUPY

– DE –

NUNES & JUCA'

A 1.a no genero em móveis de fino acabamento, sob entrega imediata.

Rua Cândido Mendes

Macapá --- Território Federal do Amapá

Drogaria e Perfumaria

JURACY

– DE –

J. M. Coêlho

●●

Permanente e variado estoque de produtos farmacêuticos e artigos de

PERFUMARIAS

Preços sem competidores

●●

Macapá -- Território do Ámapá

BAR ELITE

DE

JOÃO VIEIRA DE ASSIS

O PONTO PREDILETO DA SOCIEDADE MACAPAENSE

Tem sempre ao seu dispor uma cervejinha ou guaraná — gelados —

Sorvetes, picolés e casquinhos

Visite o

BAR ELITE

Praça Cap. Assis Vasconcelos

Território Federal do Amapá

COOPERATIVA DE CREDITO DE MACAPA', LIMITADA

Registrada no Serviço de Economia Rural do Ministerio da Agricultura, Industria e Comercio sob n. 2.476 de 16 de Novembro de 1945

Endereço Telegrafico: — COOPERATIVA

CONTA ATUALMENTE COM 156 ASSOCIADOS E UM CAPITAL SUBSCRITO DE CR$ 607.300,00

O COOPERATIVISMO é a arma poderosa que utilizaremos na luta sem tréguas contra a elevação do custo da vida e mercado negro

Pelo COOPERATIVISMO realizaremos o milagre da restauração econômica nacional.

Promova sua independência financeira

FILIANDO-SE À

COOPERATIVA DE CREDITO DE MACAPA', LIMITADA